



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS BISPOS DO REGIONAL LESTE II  
DO BRASIL EM VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"**

*Sábado, 16 de novembro de 2002*

*Venerados Irmãos no Episcopado,*

1. Saúdo todos vós afetuosamente com as palavras de São Pedro, o primeiro Papa: «A graça e a paz vos sejam dadas em abundância pelo conhecimento de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo», tendo também vós recebido, «pela justiça do nosso Deus e de Jesus Cristo, nosso Salvador, uma fé tão preciosa como a nossa» (2 Pd 1,1-2), para acender a esperança no coração dos homens e mulheres deste tempo.

Desejo agradecer as palavras e os sentimentos que, em nome de todo o Episcopado de Minas Gerais e do Espírito Santo, foram expressos pelo Senhor Cardeal *D. Serafim Fernandes de Araújo*, Arcebispo de Belo Horizonte, feliz por ver como o amor de Cristo vos estimula a um apostolado intenso e generoso em prol do crescimento do Reino de Deus nas comunidades que vos foram confiadas. Esta Visita *ad Limina*, deu-vos ocasião de expor com suficiente amplitude, quer mediante os relatórios que apresentastes quer durante os colóquios pessoais que tivestes comigo, os vossos anseios e preocupações pastorais. O meu encontro convosco hoje consente-me, em primeiro lugar, agradecer em nome da Igreja, vosso zelo pelo trabalho que realizais e, depois, confirmar-vos na missão comum de Bom Pastor que providencia ao Povo de Deus, especialmente às famílias, as pastagens onde encontrar a vida e encontrá-la em abundância.

2. Na Carta que dirigi às famílias em 1994, dizia que «a família se acha no centro do grande combate entre o bem e o mal, entre a vida e a morte, entre o amor e quanto a este se opõe. À família está confiado o dever de lutar sobretudo para libertar as forças do bem, cuja fonte se encontra em Cristo, Redentor do homem. É preciso fazer com que tais forças sejam assumidas por cada núcleo familiar, para que [...] a família seja *forte de Deus*» (23).

Célula originária da sociedade e «Igreja doméstica» (LG, 11), a família sempre constituiu o primeiro âmbito natural da maturação humana e cristã das novas gerações, formando-as para os valores cristãos da honestidade e da fidelidade, da operosidade e da confiança na divina Providência, da hospitalidade e da solidariedade; hoje, porém, tem necessidade de um apoio particular para resistir às ameaças desagregadoras da cultura individualista.

3. Ao longo do Pontificado, tenho insistido sobre a importância do papel desempenhado pelo núcleo familiar na sociedade. Recordo, inclusive, que na minha primeira Viagem pastoral ao Brasil, destacava sua influência na formação da vossa cultura (cf. *Homília* no Rio de Janeiro, 01/07/1980, 4). Existem valores que sinalizam uma tradição longamente adquirida pela gente brasileira, tais como o respeito, a solidariedade, a privacidade; valores que nascem de uma origem comum: a fé vivida pelos vossos antepassados. A mulher brasileira, de modo especial, teve sempre um lugar próprio, não intercambiável e fundamental, na origem e na duração de qualquer família. A esposa traz para o casamento e a mãe para a vida da família dotes peculiares ligados à sua fisiologia e psicologia, caráter, inteligência, sensibilidade, afeto, compreensão da vida e postura perante ela mas, sobretudo, espiritualidade e relação com Deus, indispensáveis para forjar o homem e a mulher do amanhã. Ela constitui o elo fundamental amor, paz e garantia do futuro de qualquer comunidade familiar.

É certo que existem fatores sociais que têm levado a desestabilizar o núcleo familiar nestas últimas décadas e que foram apontados no Documento de Puebla: alguns deles sociais (estruturas de injustiça), culturais (educação e meios de comunicação social), políticos (dominação e manipulação), econômicos (salários, desemprego, pluriemprego) e religiosos (secularismo) (572). Sem esquecer que, em algumas regiões do vosso País, a carência de moradia, de higiene, de saúde e de educação contribuem para desestruturar a família.

A estes fatores, une-se a falta de valores morais que abre as portas à infidelidade e à dissolução do matrimônio. As leis civis que favoreceram o divórcio e ameaçam a vida tentando introduzir oficialmente o aborto; as campanhas de controle da natalidade que, ao invés de convidar a uma procriação responsável, através dos ritmos naturais da fertilidade, levaram à esterilização de milhares de mulheres, sobretudo no nordeste, e propagaram o uso de meios anticoncepcionais, revelam agora seus resultados mais dramáticos. A mesma falta de uma informação objetiva e o desenraizamento geográfico prejudica o convívio social, dando origem a um processo desagregador do núcleo familiar nos seus elementos mais essenciais.

Esta situação, não obstante os esforços inegáveis de várias iniciativas pastorais ou de movimentos religiosos, visando a recuperação da visão cristã da família, parece continuar influenciando na realidade social brasileira.

4. Conheço o vosso empenho em defender e promover esta instituição, que tem a sua origem em Deus e no seu plano de salvação (cf. *Familiaris consortio*, 49). Hoje, assistimos a uma corrente

muito difundida em algumas partes, que tende a debilitar sua verdadeira natureza. Com efeito, não faltam intentos, na opinião pública e na legislação civil, para equiparar a família a meras uniões de fato ou para reconhecer como tal a união de pessoas do mesmo sexo. Estas e outras anomalias leva-nos a proclamar, com firmeza pastoral, *a verdade sobre o matrimônio e a família*. Deixar de fazê-lo seria uma grave omissão pastoral, que induziria as pessoas ao erro, especialmente aquelas que têm a importante responsabilidade de tomar decisões sobre o bem comum da Nação.

É necessário dar uma resposta vigorosa a esta situação sobretudo através de uma *ação catequética e educativa mais incisiva* e constante, que permita incentivar o ideal cristão da comunhão conjugal fiel e indissolúvel, verdadeiro caminho de santidade e abertura à vida.

Neste contexto, volto aqui a recordar a necessidade de *respeitar a dignidade inalienável da mulher*, para fortalecer seu importante papel, tanto no âmbito do lar como no da sociedade em geral. Com efeito, é triste observar como «a mulher ainda é objeto de discriminações» (*Ecclesia in America*, 45), sobretudo quando é vítima de abusos sexuais e da prepotência masculina. Por isso, é necessário sensibilizar as instituições públicas a fim de promover ainda mais a vida familiar baseada no matrimônio e proteger a maternidade no respeito pela dignidade de todas as mulheres (cf. *ib.*). Além disso, nunca é demais insistir sobre o valor insubstituível da mulher no lar: ela, depois de ter dado à luz uma criança, é o constante ponto de referência para o crescimento humano e espiritual deste novo ser. O amor da mãe no lar é um dom precioso, tesouro que se conserva para sempre no coração.

5. Não podemos esquecer que a família deve testemunhar *seus próprios valores* diante de si e da sociedade. As tarefas que Deus chama a desenvolver na história, brotam do próprio desígnio original e representam seu desenvolvimento dinâmico e existencial. Os casados devem ser os primeiros a testemunhar a grandeza da vida conjugal e familiar, fundada na fidelidade ao compromisso assumido diante de Deus. Graças ao sacramento do matrimônio, *o amor humano adquire valor sobrenatural*, capacitando os cônjuges a participarem do próprio amor redentor de Cristo e a viverem como parcela viva da santidade da Igreja. Este amor, de por si, assume a responsabilidade de contribuir para a geração de novos filhos de Deus.

Mas como aprender a amar e a dar-se generosamente? Nada impele tanto a amar, dizia Santo Tomás, como saber-se amado. E é precisamente a família - comunhão de pessoas onde reina o amor gratuito, desinteressado e generoso - o lugar em que se aprende a amar. O amor mútuo dos esposos prolonga-se no amor aos filhos. A família é com efeito - mais do que qualquer outra realidade humana - o ambiente em que o homem é amado por si mesmo e aprende a viver "o dom sincero de si". A família é, portanto, uma escola de amor, na medida em que persevera na própria identidade: a comunhão estável de amor entre um homem e uma mulher, fundada no matrimônio e aberta à vida.

Quis recordar estes princípios, venerados Irmãos no episcopado, pois quando desaparecem o amor, a fidelidade ou a generosidade perante os filhos, a família se desfigura. E as conseqüências não se fazem esperar: para os adultos, solidão; para os filhos, desamparo; para todos a vida se torna território inóspito. O fiz, de certo modo, para convocar todas as forças da Pastoral diocesana a fim de não hesitar em atender aqueles casais que se encontram em dificuldades, animando-os oportunamente a serem fiéis à sua vocação de serviço à vida e à plena humanidade do homem e da mulher, fundamento da "civilização do amor". Aos que temem as exigências que tal fidelidade comporta, o Papa diz-lhes: Não tenham medo dos riscos! «Não existe uma situação difícil que não possa ser enfrentada de modo adequado quando se cultiva um clima de vida cristã coerente» (*Discurso à Ass. Pl. do P. C. para a Família*, 18/10/2002, 3). De resto, imensamente maior que o mal que opera no mundo é a eficácia do sacramento da Penitência, caminho de reconciliação com Deus e com o próximo.

6. Na Campanha da Fraternidade de 1994 voltei a observar, com certa apreensão, os rumos tomados pela instituição da família na vossa pátria. «O clima de hedonismo - dizia naquela ocasião - e de indiferentismo religioso, que está na base do esfacelamento da sociedade, propaga-se no seu interior e é a causa da desagregação de muitos lares».

Quisera, por isso, convidar os que se dedicam à Pastoral Familiar das vossas Dioceses a dar novo impulso na defesa e na promoção da instituição familiar, com uma adequada preparação deste Sacramento grande, «com referência a Cristo e à Igreja», como diz S. Paulo (*Ef 5,32*). Através dos ensinamentos da Igreja, fornecidos em aulas, cursos de noivos, conversas particulares com algum casal idôneo ou um sacerdote experiente, o matrimônio reforçará a fé, a esperança e a caridade dos noivos face à nova situação social e religiosa que são chamados a assumir.

A ocasião também é propícia para uma reevangelização dos batizados, quando estes se aproximam da Igreja para pedir o sacramento do matrimônio. Neste sentido, chama à atenção a educação escolar e superior que, mesmo tendo dado em alguns lugares passos significativos, carece da correlativa evolução na vida cristã das jovens gerações. Neste setor, as comunidades eclesiais têm um papel importante a desempenhar pois deste modo, ao experimentar e testemunhar o amor de Deus, poderão manifestá-lo com eficácia e em profundidade àqueles que necessitam conhecê-lo. Uma proposta pastoral para a família em crise supõe, como exigência preliminar, uma clareza doutrinária, efetivamente ensinada no campo da Teologia Moral, sobre a sexualidade e a valorização da vida. As opiniões contrastantes de teólogos, sacerdotes e religiosos, divulgadas inclusive pela imprensa escrita e falada, sobre as relações pré-matrimoniais, o controle da natalidade, a admissão dos divorciados aos sacramentos, a homossexualidade e o lesbianismo, a fecundação artificial, o uso de práticas abortivas ou a eutanásia mostram o grau de incerteza e a confusão que perturbam e chegam a anestesiar a consciência de muitos fiéis.

Na base da crise, percebe-se a ruptura entre a antropologia e a ética, marcada por um relativismo moral segundo o qual valoriza-se o ato humano, não com referência a princípios permanentes e objetivos, próprios da natureza criada por Deus, mas conforme a uma ponderação meramente subjetiva acerca do que é mais conveniente ao projeto pessoal de vida. Produz-se então uma evolução semântica em que o homicídio se chama morte induzida, o infanticídio, aborto terapêutico e o adultério passa a ser uma simples aventura extramatrimonial. Não havendo mais certeza absoluta nas questões morais, a lei divina torna-se uma proposta facultativa na oferta variegada das opiniões mais em voga.

Certamente, devemos dar graças a Deus porque estão bem enraizadas as tradições religiosas da família mineira, donde surgem muitas vocações religiosas e para o Seminário. Mas, sem descuidar as demais prioridades do trabalho pastoral - de modo especial a Pastoral vocacional e o acompanhamento e formação dos candidatos aos sacerdócio - é necessário um esforço generoso no amplo campo do apostolado da família através da catequese, das pregações, do aconselhamento pessoal. De resto, é neste sentido que as comunidades eclesiais capixabas vêm favorecendo o enriquecimento da vida eclesial no seu Estado. Também a elas desejo fazer constar meu louvor e estímulo pela obra evangelizadora que estão realizando.

7. Meu pensamento dirige-se, enfim, aos processos de nulidade matrimonial submetidos ao exame dos vossos Tribunais diocesanos e, quando for o caso, à Rota Romana.

Na sua fidelidade a Cristo, a Igreja não pode deixar de reafirmar com persuasão «o alegre anúncio da forma definitiva daquele amor conjugal, que tem em Jesus Cristo o seu fundamento e vigor (cf. *Ef 5,25*)» (*Familiaris consortio*, 20). Por isso, «o juiz eclesiástico, autêntico «*sacerdos iuris*» - como já o afirmei - não pode deixar de ser chamado a exercer um verdadeiro "*officium caritatis et unitatis*". Sua tarefa é exigente e, ao mesmo tempo, de alta dimensão espiritual, fazendo dele artífice de uma singular diaconia para cada homem e, mais ainda, para o "*christifidelis*"» (*Discurso à Rota Romana*, 17/01/1998, 2). Na sua preocupação por aplicar autenticamente as normas processuais, está em jogo não só a credibilidade da fé revelada, mas a paz das consciências. Em algumas das vossas Dioceses, tem havido um esforço organizativo dos Tribunais, reforçando aqueles Interdiocesanos. Faço votos de que, neste delicado processo interdisciplinar, a fidelidade à verdade revelada sobre o matrimônio e sobre a família, interpretada de maneira autêntica pelo Magistério da Igreja, constitua sempre o ponto de referência e o verdadeiro estímulo para uma profunda renovação deste setor da vida eclesial.

8. A Sagrada Família, ícone e modelo de cada família humana, ajude cada um a caminhar no espírito de Nazaré. Para isso, amados Irmãos no Episcopado, levai aos fiéis que vos foram confiados o estímulo de que «como estava em Caná da Galiléia, Esposo entre aqueles esposos que mutuamente se entregavam por toda a vida, o bom Pastor está hoje convosco como motivo de esperança, força dos corações, fonte de entusiasmo sempre novo e sinal da vitória da "civilização do amor". Jesus, o bom Pastor, repete-nos: Não tenhais medo. Eu estou convosco.

"Estou convosco todos os dias até ao fim do mundo" (Mt 28,20)» (*Carta às famílias*, 18). Esta certeza guie os cônjuges e quantos os ajudam a compreender e pôr em prática o ensinamento da Igreja sobre o matrimônio, e dela se nutra incessantemente o vosso ministério episcopal, venerados Irmãos, na qual vos confirmo com a Bênção Apostólica que de bom grado vos concedo, tornando-a extensiva a cada uma das vossas Comunidades diocesanas.